

Senado Senadores não obtêm consenso

A idéia de formação de um bloco situacionista no Senado não tem unanimidade dos parlamentares que apóiam o Governo, entre os quais está o senador Odacir Soares, do PFL de Rondônia, vice-líder do presidente Fernando Collor naquela Casa legislativa.

Na opinião de Soares, mesmo sem a existência de um bloco formal, os senadores governistas têm conseguido preservar as iniciativas do presidente da República ou impedido a aprovação de medidas que contrariem a política econômica do Governo.

Segundo seus cálculos, fazem parte da bancada situacionista, sem se desvincularem de seus partidos de origem, 41 ou 42 senadores, o que assegura, no entender de Soares, uma escassa vantagem sobre a representação oposicionista. Uma vez constituído o bloco, os líderes dessas agremiações pró-Governo poderão enfrentar problemas com seus liderados, gerando, em contrapartida, perigosas reações por parte da oposição.

“O que o Governo deve fazer — salienta Soares — é prestigiar os líderes e as bancadas das agremiações que lhe dão apoio no Congresso para assegurar a vitória de suas iniciativas no Senado e na Câmara”.

O senador pefelista concorda em que não há sentido em pretender-se eleger, graças ao bloco, o presidente do Senado, sob o argumento de que esse cargo é essencial para o Governo. No momento, conforme explicou, o mais provável candidato à presidência da Casa é o senador Mauro Benevides, do PMDB do Ceará, um político por ele considerado “conciliador”.

Ressalvas

Já o senador Nei Maranhão, líder do PRN — que era, até recentemente, contrário à formação do bloco de apoio ao governo —, apoia essa idéia, mas com ressalvas. A seu ver, está-se pretendendo repetir a experiência do Governo Juscelino Kubistcheck, quando os dois maiores partidos à época — o ex-PSD e o ex-PTB — se juntaram num bloco para apoiar o então presidente da República.

Para Maranhão, no entanto, embora oficialmente destinado a apoiar o Governo, esse bloco, na verdade, “é uma fachada para a tentativa de se conquistar a presidência do Congresso”. “Se o bloco tiver força — assegurou ele — vamos fazer a próxima Mesa Diretora do Senado”.

O senador Mário Covas, do PSDB de São Paulo, acha natural que o Governo pretenda formar um bloco partidário que o apoie no Senado. “Isso é normal e admitido pela Constituição. Mas, a formação de um bloco somente para eleger os dirigentes do Legislativo constitui tentativa de assalto ao poder”.

Outro senador oposicionista, Chagas Rodrigues, do PSDB do Piauí, acha que a formação desse bloco, para fins de conquista de cargos, acarretará, além do fortalecimento da oposição ao Governo, a criação, pela primeira vez no Senado, de uma oposição à própria Mesa Diretora desta Casa, “o que é gravíssimo, do ponto de vista institucional”.

7 3 NOV 1990 JORNAL DE BRASÍLIA